

MEMÓRIA E PAISAGEM: em busca do simbólico dos lugares

• Otávio Costa ¹

Resumo

Este texto pretende mostrar a temática do patrimônio cultural, enfocando a sua dimensão simbólica que irá caracterizar determinadas paisagens. verifica-se não somente a questão do patrimônio oficial, mas também o patrimônio comum, representado pela memória dos lugares, eivado de significados que caracterizam o vernáculo da paisagem. Assim, realiza-se algumas reflexões sobre o patrimônio das paisagens aparentemente banais que constituem o simbólico dos lugares.

Palavras-chave: memória, paisagem, lugar, patrimônio, paisagem vernacular

O caráter simbólico dos lugares revela-se ao ser humano como algo que precede a linguagem e a razão discursiva, apresentando assim determinados aspectos do real, enfatizando as relações entre o simbólico e o lugar. Estas relações são mediatizadas pelos símbolos que podem ser uma realidade material e que une-se a uma idéia, um valor, um sentimento. Entendemos portanto, que as mediações simbólicas permeiam as atitudes pessoais em relação aos lugares da afetividade do reencontro. São considerados portanto imagens e no dizer de ELIADE “invocam a nostalgia de um passado mitificado”. (ELIADE, 1996:13).

A proposta do presente texto é discutir a questão do patrimônio cultural enquanto um conjunto de símbolos presentes na paisagem. O patrimônio aqui identificado não apenas como aquele institucionalizado, o reconhecido por sua importância histórica ou valor arquitetônico, mas também o patrimônio que representa a memória do lugar, ou seja, aquele que contém o vernáculo da paisagem, enunciando não apenas a história oficial,

as paisagens tradicionais. A análise das paisagens vernaculares torna-se importante enquanto valor simbólico e no dizer de LUCHIARI nos permite identificar um sujeito oculto da paisagem, ou seja, o modo de produção que impregna as práticas sociais e faz surgir ou organizam territórios valorizados ou repugnantes. (LUCHIARI, 2001). As paisagens excluídas que muitas vezes são marginalizadas, por não conterem um aspecto estético que justifiquem como tal, também trazem consigo um forte poder simbólico. Esse poder simbólico presente na paisagem assenta-se numa ordem lógica e conforme MALDONATO (2001), integra-se a uma linguagem psíquica, torna-se disperso em signos e significados.

A análise dos símbolos presentes na paisagem é uma tarefa que em um primeiro momento se ateu à psicanálise, através de um trabalho sistemático de decodificações, decompondo o símbolo numa série de significados. O simbólico da paisagem permite também um êxodo conceitual, onde buscamos uma exegese à luz de outras disciplinas, muito embora a semiologia já tenha afirmado não haver maneira de ler os símbolos. Assim, a leitura da paisagem a partir do símbolo, torna-se uma empresa da Geografia Humanística, que discute categorias tais como paisagem e lugar como e que se torna familiar ao indivíduo. Na concepção de TUAN (1983), “a amplitude da experiência ou conhecimento pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos” (TUAN, 1983:07). Portanto, os saberes e fazeres humanos atribuem significados e organizam as paisagens e os símbolos presentes fazem a mediação entre o mundo interior e o mundo exterior.

1. Paisagem e memória

O dimensionamento das relações entre paisagem e memória, vem se transformando já há algum tempo num campo privilegiado de estudos e pesquisas nos mais diversas áreas do conhecimento. Do ponto de vista das ciências humanas, a História, a Antropologia entre outras empreendem uma discussão mais antiga e discutem a temática com relevância. Neste sentido assinala MENESES (1999):

o campo de problemas a descoberto ainda é muito vasto. Apenas para nos atermos ao ângulo da História, poderia ser apontadas muitas questões cruciais que contam com bibliografia inexistente ou insatisfatória: a amnésia social, a apropriação da memória alheia ou as práticas comemorativas (...)etc. Muito esforço, em vez disso, tem sido ainda dedicado a estabelecer fronteiras entre a História e a memória (MENESES, 1999:11)

No âmbito da ciência geográfica, onde o conceito de paisagem é amplamente utilizado, procuramos entender a relação entre paisagem e memória trilhando a perspectiva da Geografia Cultural. Neste contexto, a paisagem faz parte da realização humana, eivada de um significado pleno no seu sentido fenomenológico. Embora o conceito de paisagem não seja exclusivo da geografia, tradicionalmente ele foi incorporado às discussões teórico-metodológicas dessa ciência, procurando definir seu campo de estudo nos aspectos e fenômenos que concorrem para modelar, organizar e modificar materialmente o espaço (CAVALCANTI, 1998). A paisagem revela ainda a realidade do espaço em um determinado momento do processo. O espaço construído ao longo do tempo de vida das pessoas, considerando a forma como vivem, o tipo de relação que existe entre elas e que estabelecem com a natureza. Dessa forma, afirma CALLAI

(2000:97), “o lugar mostra através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma com se utiliza de tais recursos”.

A relação entre paisagem e memória, está assentada na geografia da percepção, na existência de um conjunto de signos que estruturam a paisagem segundo o próprio sujeito e refletindo uma composição mental resultante de uma seleção plena de subjetividade a partir da informação emitida por seu entorno. Nesse direcionamento, propomos algumas reflexões sobre o patrimônio histórico e a formação de paisagens socialmente representadas, enfocando não apenas o patrimônio histórico institucionalizado, mas também aquele identificado por paisagens aparentemente banais mas plena de significados e experiências sociais. Paisagens onde podemos identificar trajetórias de vida e marcos com expressivos significados simbólicos.

O valor patrimonial que possui os lugares de memória reveste-se de uma variedade de símbolos, compreendidos pelas mais diversas formas da atividade humana. Estes símbolos trazem o sentido que o indivíduo ou um grupo os percebem e são reconhecidos por uma particularidade: são as realidades concretas, os objetos ou os atos físicos, portanto a existência factual e relativamente independente das significações que lhe damos. Constituem-se portanto, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, portanto de integração social (BOURDIEU,1989).

O simbólico dos lugares nos remete ao conceito de paisagem vernacular onde tal caráter explicita-se no conjunto de representações tanto das paisagens antigas quanto as

atuais, expressas através dos saberes e fazeres do homem. A paisagem é portanto mediatizada pela memória e segundo DE CERTEAU

engendra transformações espaciais, produzindo uma ruptura instauradora". Sua estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar, mantendo uma relação entre o visível e o invisível, o material e o imaterial, constituindo-se em variantes que retratam-se em projeções simbólicas e narrativas, as sombras da prática cotidiana que consiste em aproveitar a ocasião e fazer da memória o meio de transformar os lugares (DE CERTEAU,1994:161)

Assim, a paisagem vernacular atesta a relação que um determinado grupo social mantém com o lugar, expressando a sua formação e continuidade, mantidas através de práticas culturais que podem ser representadas por exemplo, através dos complexos industriais, dos povoados rurais, das reservas indígenas, dos lugares sagrados, dos parques naturais etc. Cada um dos exemplos enunciados contem uma variedade de elementos de ordem natural ou cultural associados a uma prática cultural que definem um conjunto de símbolos que expressam a memória do lugar. Essa relação entre o indivíduo e a paisagem é, portanto, mediatizada por uma rede simbólica cuja materialidade traz também o imaterial, algo visível que mostra o invisível, um gesto que significa um valor.

O símbolo presente na paisagem pode também ser definido como um elemento mediador entre os diferentes registros da experiência e a comunicação humana. A experiência e a comunicação humana tem uma dimensão irredutivelmente espacial: o mundo conhecido e imaginado que a atividade humana convertem em um complexo de significados, manifestos em uma realidade geográfica que são representadas através de

suas categorias paisagem e lugar, suportes privilegiados do processo de simbolização, da conversão em símbolos dos elementos concretos presentes no cotidiano.

O vernáculo da paisagem aqui representado indica também a propositura de uma imagem poética que necessariamente não precisa está ligada a um passado longínquo e também não está sujeita a um impulso. Não é um eco do passado (BACHELARD, 1993:02). Portanto, a paisagem vernacular pode compreender uma imagem singular, porém plena de significados e que geralmente não é legitimada como patrimônio histórico. JACKSON (1984), ressalta a importância em examinar o histórico e o presente da paisagem, onde seriam enumerados alguns tópicos como: arquitetura doméstica, práticas agrícolas, costumes locais, crenças e práticas sociais. Para ZUKIN (2000:85), o vernacular está presente nas atividades diárias e nos rituais sociais vinculados ao lugar, citando os exemplos de Nova York, Londres e Paris, onde a paisagem política e financeira concentrava o poder no centro, onde esse poder era visualizado pela silhueta dos edifícios contra o céu. Já a paisagem vernacular ocuparia amplas fatias da cidade histórica central, seus alojamentos, galpões de manufaturas e apartamentos subsidiados pelo poder público, disputando as brechas dos grandes edifícios das instituições dominantes.

Entender a paisagem enquanto memória é buscar um sentido identitário do sujeito com a paisagem, uma relação que é mediatizada segundo GOMES (2001), “pelas práticas sócio-espaciais que irão envolver aculturamentos e adaptações por meio de artificializações da natureza e naturalização do artificial”. Essa práticas sociais contem portanto, o simbólico dos lugares, onde as relações assinaladas por símbolos, estão

representadas por realidades materiais que irão formatar a paisagem ou seja o patrimônio material em suas mais diversas expressões bem como as manifestações imateriais identificadas pelos costumes, práticas, idéias. Nesse sentido concordamos com CARLOS (1996) quando afirma que “o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida”. As pessoas se socializam e interagem no lugar, quer seja a rua, o bairro ou cidade. As redes sociais que se formam a partir dessas identidades locais contribuem para a formação do lugar conferindo portanto uma paisagem que geram um sentimento de pertença.

A identificação do sujeito com a paisagem é explicitada pela relação cognitiva, onde a construção da memória do lugar, é representada pelas atividades cotidianas onde se produz formas de espaço culturalmente construídas. Cada indivíduo apreende o entorno, utilizando diversos registros de atividade cognitiva, construindo uma relação paisagem-memória que se manifesta em recortes territoriais. Nesse momento o espaço torna-se lugar, é recortado afetivamente. Para BOURDIN (2001:33), “o sentido de pertença é resultado do conjunto de recortes que especificam a posição de um ator social e a inserção de seu grupo de pertença a um lugar”. Assim, a identidade que o indivíduo mantém com o lugar é articulada por uma relação de proximidade imediata e aí ele se define, se constrói, através dos conhecimento de seu entorno imediato. Portanto, essa experiência cognitiva do indivíduo nos é apresentada por BOURDIN (2001) a partir de três idéias: i) o entorno imediato, que é ao mesmo material e social, dando ao indivíduo o sentido de pertença: ii) o conhecimento que dele temos se exprime e se organiza na representação do território; iii) a definição do indivíduo através da apreensão do entorno imediato.

Quando invocamos a questão do patrimônio, associamos imediatamente à memória. Não somente a memória objetiva da história mas buscando uma abordagem afetiva onde o vínculo social com o lugar é um processo de construção da memória de cada um de nós. Essa construção social do sentido de lugar é enfatizada por CHOAY quando afirma:

o valor sagrado dos trabalhos que os homens de bem desaparecidos e desconhecidos, realizaram para honrar seu Deus, organizar seus lares, manifestar suas diferenças. Fazendo-nos ver e tocar o que viram e tocaram as gerações desaparecidas, a mais humilde habitação possui, da mesma forma que o mais glorioso edifício, o poder de nos pôr em comunicação, quase em contato com eles (CHOAY, 2001:140)

As relações cotidianas é produtor de formas que aproximam o indivíduo do lugar. O patrimônio do lugar reflete essas condições que ora se apresentam através de seu caráter monumental ora pela arquitetura doméstica que denuncia as formas mais simples que compõem a paisagem, caracterizando como lugar das relações sociais, abrigando indivíduos e trajetórias. Então, o patrimônio é construído pelos símbolos representados através das referências básicas para seus moradores e suas relações cotidianas. Os registros desse cotidiano podem e devem ser considerados como representações que possuem a memória e configuram paisagens simbólicas. Estabelece-se assim, um vínculo entre a memória e o lugar, pois a memória compartilha com a utopia de certos predicados distinguidores: a dimensão da memória e o significado do lugares (SEIXAS, 2001).

O lugar formata uma paisagem que segundo COSGROVE (1998) possui significados simbólicos. Este autor nos apresenta uma tipologia das paisagens simbólicas assim representadas: paisagens da cultura dominante, alternativas, emergentes, residuais e

excluídas. Fazendo um pequeno exercício classificatório, incluiríamos no rol das paisagens residuais aquelas que podemos chamar de “paisagens esquecidas”, aqui representadas não por ser uma paisagem relíquia, mas por conter a recordação, os odores, a saudade e que se cristaliza num imaginário que vai além da aparência da paisagem. O lugar surge ainda, como uma versão mais dinâmica da paisagem vernacular, onde esse lugar representaria uma forma de pressão para produzir uma homogeneidade que contrapondo-se ao mercado que produziria a pluralidade. Essa homogeneização representada no lugar, presente nas comunidades locais, tende a criar estabilidades. Assim, observa-se que o lugar é uma força estrutural que preme de construções simbólicas reage à estrutura do mercado, sempre propondo renovações, sejam eles financiados pelos investidores capitalistas ou pelo Estado.

2. Patrimônio e Paisagem

No seu sentido etimológico, a palavra patrimônio vem do latim *patrimonius*, relacionando-se com os bens familiares que passam aos descendentes e, daí, herança. Do âmbito material a palavra amplia-se para abranger desde um código genético a tudo aquilo que é apreendido, aperfeiçoado, modificado, ao longo das gerações: a língua, os usos e costumes, os modos de trabalhar, se divertir. Percebemos portanto, que o patrimônio pode ser inventariado também através do imaterial (ou não tangível), principalmente a cultura popular, que já era uma preocupação de Mário de Andrade, que em suas pesquisas voltadas para a temática já se preocupava com os registros dos detalhes do Brasil. Sua preocupação não explicita apenas os bens culturais institucionalizados, mas refere-se segundo LEMOS (1987) “as paisagens populares,

como os vilejos lacustres vivos da Amazônia, tal morro do Rio de Janeiro, tal agrupamentos de mocambos do Recife.

Atualmente o conceito de Patrimônio, amplia-se para a expressão “Patrimônio Cultural”, procurando enfocar por definição toda a produção humana de ordem emocional, intelectual e material, independente de sua origem época ou aspecto formal, bem como a natureza, que propiciem o conhecimento do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia.

Essa preocupação com a memória do lugar, independente do valor estético ou excepcionalidade histórica, registra uma preocupação daqueles denominados por CHOAY (2001) de culturalistas, que interpretarão o sentido exemplar que o lugar possui como verdadeiro testemunho histórico. Neste sentido, tudo é patrimônio: todos os aspectos que integram a paisagem natural bem como aqueles ligados à atividade humana são considerados como algo que possui um valor que no dizer de BOURDIN (2001) carregam consigo uma autenticidade que traz fortes conseqüências para a questão local e o respeito da própria lógica do modo de fazer e utilização do objeto, representados pelo singularidade cotidiana. Esse objeto sem qualidade irá constituir a idéia que o patrimônio faz o local, constituindo o vernáculo da paisagem.

O vernáculo da paisagem é expresso também pelas manifestações culturais (festas, rituais, feiras, etc.). Aqui as ações humanas, os gestos, toques, posturas do corpo, não tem a solidez dos monumentos em sua grandeza, entretanto, podem manter preservados por um longo tempo na memória de um povo. As falas, as maneiras de pensar, os fazeres e saberes nos conduzem a uma construção da paisagem e segundo

CLAVAL (2001), podem até não constituírem realidades objetivas mas que desempenham um papel de suporte de mensagens e símbolos. As festas de padroado, por exemplo, com suas cores, ruídos e símbolos, produzem ao mesmo tempo uma paisagem material e imaterial. Material quando apresenta o cenário da festa, parado ou em movimento, percebido através dos sentidos. Já sua imaterialidade comporta a memória que foi construída e transmitida através das interpretações do passado.

A preservação das paisagens da memória requer um exercício prospectivo, uma vez que a memória é constituída de fragmentos dispersos e às vezes sem nexos (LINS, 2000). Nos mais recônditos lugares ou nas mais simples manifestações, sempre poderemos encontrar a memória em suas mais diversas particularidades, como uma presença que nos habita através das lembranças e recordações. A paisagem reveste-se de elementos nostálgicos que invadem sua essência e permitem se contaminar por outras memórias, outras recordações, outros lugares da memória e evocam fragmentos do passado que se cristaliza em um imaginário. Para tal fato, nos lembra CLAVAL (1997) que devemos partir daquilo que os sentidos lhe revelam ou seja: visão, audição e olfato, possibilitando a apreensão do mundo através dos sentidos e através deles nos reportamos ao lugares da memória involuntária que na ótica bergsoniana atinge-se um outro plano da memória, mais elevada e espontânea, feita de imagens que aparecem e desaparecem independente de nossa vontade. Assim os valores presentes em nossa memória, são marcados por uma percepção exterior que segundo BERGSON (1999:115) “provoca de nossa parte movimentos que a desenham em linhas gerais, e nossa memória dirige à percepção recebida às antigas imagens que se assemelham a ela e cujo esboço já foi traçado por nosso movimento”. Elabora-se portanto, um ligação entre a ação individual e

a percepção onde pressupõe-se uma mediação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível na construção das paisagens simbólicas.

O simbólico dos lugares pode ser entendido também como uma necessidade do passado. Na acepção junguiana, o símbolo é o arquétipo, um sistema virtual que se estrutura através do inconsciente coletivo, permitindo sua passagem de uma geração à outra (JUNG, 1977). O lugar comporta o conjunto de símbolos que representam o universo do significado em oposição ao mundo físico do sujeito.

Essa representação simbólica reúne portanto, a essência em sua concretude, ou seja, o monumento, mas também estabelece a relação entre o espaço vivido e a memória, onde as imagens tomam o lugar das percepções diretas (MANGUEL, 2001), imagens cujo significado varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais irão constituir as paisagens que são as representações simbólicas com seu símbolos, sinais e alegorias.

Nesse contexto, o lugar passa a ter seu interesse ampliado como referência da identidade e ao mesmo tempo adquire um valor simbólico. Observando a paisagem urbana, verifica-se recentemente uma valorização das áreas mais antigas, que tem sido retomadas ora pelo poder público, ora pela iniciativa privada, seguindo muitas vezes a ordem preservacionista onde em muitos casos criam até simulacros na paisagem. O interesse na valorização dos centros históricos das grandes cidades, acompanhado do afastamento das populações de baixo poder aquisitivo ali residentes, configura o sentido

da restauração do lugar, limitado apenas pelo contexto arquitetônico. A paisagem urbana, reestrutura-se, portanto, proporcionando uma imagem refletida da pós-modernidade. A valorização das áreas centrais redefinem o significado social de lugares especificamente históricos para um segmento de mercado, redefinindo o mercado imobiliário em termos de um sentido de lugar (Zukin, 2000). BOURDIN (2001) citando Ruskin, afirma que “ a restauração significa a destruição mais completa que um edifício possa sofrer”. O desejo de restauro observando apenas valor estético da paisagem contribui para apagar as marcas e suas diversidades históricas. Na maioria das vezes, ignora-se os lugares singelos, por não possuir o status de monumento, embora o simbólico esteja presente expressando um conteúdo social e quase sempre não represente uma materialidade. Entretanto, essa materialidade surge através das relações de sociabilidade que irão desempenhar um papel fundamental para a representação do sujeito que integra o lugar.

Notas

¹ Laboratório de Geografia Cultural / Depto. de Geociências da Universidade Estadual do Ceará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo. Martins Fontes, 1993

BERGSON, H. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo. Martins Fontes, 1999

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989

BOURDIN, A. *A Questão Local*. Rio de Janeiro, DP & A Editora, 2001

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.) *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre, Mediação, 2000.

CARLOS, A. F. A. *O Lugar No/Do Mundo*. São Paulo, HUCITEC, 1996

CAVALCANTI, L. S. *Geografia, Escola e Construção do Conhecimento*. Campinas-SP, Papirus, 1998.

CHOAY, F. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo, Editora UNESP, 2001

CLAVAL, P. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E. , GOMES, P. C. C. e CORREA, R. L. (Orgs.) *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2001.

_____, O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORREA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORREA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) *Paisagem Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1994

ELIADE, M. *Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo. Martins Fontes, 1991.

GOMES, E. T. A. Natureza e Cultura: representações na paisagem. In: CORREA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2001

- JACKSON, J. B. *Discovering the vernacular landscape*. New Haven, Yale University Press, 1986
- JUNG, C. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977
- LEMOS, C. A. L. *O que é Patrimônio Histórico ?* São Paulo, Brasiliense. 1987
- LINS, D. Memória, Esquecimento e Perdão. In: LEMOS, M. B. e MORAES, N. A. (Orgs.) *Memória Social e Documento*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000.
- LUCHIARI, M. T. D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORREA R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) *Paisagem, Imaginário e espaço*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- MALDONATO, M. *A subversão do ser: identidade, mundo, tempo, espaço fenomenológico de uma mutação*. São Paulo. Ed. Peiropólis, 2001
- MANGUEL, A. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001
- MENESES, U. T. B de. A crise da Memória., História e Documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Z. L. (Org.) *Arquivos, Patrimônio e Memória*. São Paulo, Ed. UNESP-FAPESP, 1999
- MOTTA, L. A apropriação do patrimônio urbano: do estético – estilístico nacional ao consumo visual global. In: ARANTES, A. A. (Org.) *O Espaço da Diferença*. São Paulo. Papirus, 2000
- SEIXAS, J.A. Percursos de Memória em Terras da História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S. e NAXARA, M. (Orgs.) *Memória (Res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas. Ed. UNICAMP, 2001
- TUAN, Y-FU. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo. DIFEL, 1983

ZUKIN, S. Paisagens Urbanas Pós-Modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, A. A. (Org.) *O Espaço da Diferença*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

Abstract

This text intends to show the role of cultural heritage hanging its symbolical dimension that will describe some landscapes. the work examines not only the heritage official, but singles places fully of the memory, characterizing the vernacular landscape. Therefore this work showed any considerations about the landscapes heritages apparently ordinary that shape the symbolical of the places.

Key-words: memory, landscape, place, heritage, vernacular landscape.